

A SHEKINÁ EM PAULO

Elenira Cunha

Para afirmar que há uma possível compreensão da *Shekiná*¹ em Paulo é preciso antes considerar que sua concepção e significado pertencem à tradição oral de Israel com certeza da época rabínica² e cabalística³, e, presumivelmente, que seja uma tradição tão antiga quanto a própria história do povo judeu.

Segundo o Dicionário de conhecimento judaico⁴, *shekiná* significa literalmente “habitação” ou “a habitação” de Deus como substituto do nome do próprio Deus, talvez um modo de dizer que “ele” habitava naquele lugar a fim de evitar a pronúncia do nome sagrado. Mas, significa ainda que ele habitava ou pousava sobre aqueles que mereciam, fossem eles indivíduos ou comunidades inteiras.

“Shechiná” é frequentemente usada como mero sinônimo de Deus, mas foi considerada por alguns filósofos judeus uma entidade separada, um ser criado de luz, que entra em contato com o homem. (...) A Schechiná repousa sobre o povo de Israel e também inspira indivíduos, particularmente aqueles que servem a Deus com alegria. (...) Diz-se dos prosélitos do judaísmo que eles vêm ficar “sob as asas da Shechiná”⁵.

Shekiná também pode ser interpretada como “glória” e segundo alguns estudiosos é difícil distinguir “*Shekiná*”, “*Ruah Elohim*” e “*Bat Kol*”, ou seja, entre a “Presença de Deus”, o “Espírito de Deus” e a “Voz de Deus [ou a “Filha da Voz”]”, pois “qualquer tentativa para encontrar uma diferença significativa entre estas palavras nunca

1. Há muitas formas aceitas para a grafia do que para o português se translitera como “Sh’cheenah”, tais como shekinah, shechinah, shechiná, chequiná. Optamos aqui pela forma que nos pareceu mais apropriada: “shekiná”, embora entendamos que para ser fiel à língua portuguesa deveríamos usar algo semelhante a “xequiná”. Contudo, quando nos reportamos a citações diretas, seremos fiéis à forma da mesma citação. Foi esse o termo mais abstrato e simbólico inventado na Era do Segundo Templo para se referir a Deus de maneira menos antropomórfica, uma vez que isso parecia impróprio. Cf. “Shechinah”. In: AUSUBEL, Nathan. *Conhecimento judaico* II, p. 779. Como é sabido, o segundo templo foi construído depois da volta do Exílio da Babilônia entre 520 e 516 a.E.C.
2. É certo que essa instituição judaica aparece apenas no judaísmo pós-setenta. Cf. OVERMANN, J. Andrew. *O evangelho de Mateus e o judaísmo formativo: o mundo social da comunidade de Mateus*. São Paulo: Loyola, 1997, p. 53s. Segundo narra a tradição, diziam os rabinos que a *Shekiná* “apareceu diante de Moisés na Sarça Ardente; pousou sobre o Tabernáculo do Deserto no dia de sua dedicação, e no Santo dos Santos no Templo de Jerusalém...” Cf. AUSUBEL, Nathan. *Conhecimento judaico* II, p. 779.
3. “Desde o início do século XII dC Cabala é a denominação de uma tendência místico-teológica dentro do judaísmo. Os fundamentos deste movimento remontam ao início da era cristã; a própria cabala coloca a sua origem em Abraão ou até Adão”. Contudo, o florescimento desta mística no século XII deve-se à reação contra o pensamento de Maímônides que estava sob influência do pensamento aristotélico. Cf. VAN DEN BORN, A. (org.). *Dicionário enciclopédico da Bíblia*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2004, c. 217.
4. “Shechinah”. In: AUSUBEL, Nathan. *Conhecimento judaico* II, p. 779.
5. “Shechiná”. In: UNTERMAN, Alan. *Dicionário judaico de lendas e tradições*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 241.

foi satisfatoriamente estabelecida”⁶, de tal modo que elas são usadas frequentemente como sinônimos.

Assim, considerando essa polissemia pode-se chegar a uma primeira conclusão de que *Shekiná* tem um significado primário de “habitação” de Deus para significar que ele está presente naquele lugar. Isso também leva à ideia de que, ao modo de um pássaro, Deus pousa ou paira sobre aquele “cuja virtude merece essa graça”⁷. Por outro lado, *Shekiná* pode ser usada como sinônimo de Deus ou como uma entidade emanada dele, criada de luz – daí o fato de ser traduzida como glória e radiância – que não só repousa sobre o povo de Israel, mas também inspira particularmente os que servem a Deus com alegria.

Enfim, pode-se dizer que é difícil distinguir se a *Shekina*, o Espírito de Deus e a Voz de Deus são realidades distintas ou se, de fato, trata-se de uma mesma realidade que adquiriu nomes diferentes em razão da circunstância de sua manifestação.

Todavia, não se pode esquecer que, depois do Exílio, a *Ruah Elohim*, isto é, o Espírito de Deus foi denominado *Pneuma Hagion* na tradução grega da Bíblia⁸. E não surpreendentemente uma das representações da *Shekina* é uma pomba⁹.

Deste modo, se é possível especular sobre uma possível alusão ou compreensão da *Shekiná* em Paulo, parece que isso deve ser feito tomando-se como referência sua pneumatologia.

Paulo fala do Espírito em termos de “habitação”

Paulo fala do Espírito em termos de morada em duas passagens da Carta aos Romanos e isso ocorre quando ele apresenta sua tese sobre a oposição entre o pecado dos descendentes de Adão e a vida no Espírito proveniente de Jesus (5,1–8,39), que se tornou o “primogênito entre muitos irmãos” (8,29b)¹⁰: “Vós não estais na carne, mas no espírito, *se é verdade que o Espírito de Deus habita em vós...*, pois quem não tem o Espírito de Cristo não pertence a ele” (Rm 8,9). “*E se o Espírito daquele que ressuscitou Cristo Jesus dentre os mortos habita em vós, aquele que ressuscitou Cristo Jesus dentre os mortos dará vida também a vossos corpos mortais, mediante seu Espírito que habita em vós*” (Rm 8,11).

Também na Primeira Carta aos Coríntios, Paulo afirma: “*Não sabeis que sois templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?*” (1Cor 3,16). E continua afirmando que esse templo é o corpo dos coríntios: “Se alguém destrói o templo de Deus,

6. Cf. <http://www.jesusnet.org.br>, acesso em 7/8/2008.

7. Cf. AUSUBEL, Nathan. *Conhecimento judaico II*, p. 779.

8. “O Espírito de Deus no AT raríssimas vezes é chamado Espírito Santo, diversas vezes, porém, o é na tradução grega (LXX), nos livros gregos e nos apócrifos do AT, e muitas vezes nas traduções aramaicas, na literatura rabínica e no NT”. Cf. “Espírito”. In: VAN DEN BORN, A. (org.). *Dicionário enciclopédico da Bíblia*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2004, c. 482.

9. “Shechiná”. In: UNTERMAN, Alan. *Dicionário judaico de lendas e tradições*, p. 241.

10. Cf. Plano geral da Carta aos Romanos revelado pela Análise Estrutural de Philippe Rolland. In: CARREZ, M. et al. *As cartas de Paulo, Tiago, Pedro e Judas*. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 164-167.

Deus o destruirá. Pois o templo de Deus é santo e *esse templo sois vós*” (1Cor 3,17), e, acrescenta, “Ou não sabeis que *o vosso corpo é templo do Espírito Santo*, que está em vós e que recebestes de Deus? (...) e que, portanto, não pertenceis a vós mesmos?” (1Cor 6,19)¹¹.

Paulo relaciona o Espírito à alegria

É sabido que os escritos de Paulo têm uma razão circunstancial de ser que está muito ligada à fidelidade dos convertidos ao evangelho. Pode-se dizer, assim, que a grande preocupação de Paulo não é com a vida moral, mas com a consequência que o seguimento de Jesus impõe. Desta forma, entre os temas recorrentes de suas cartas encontra-se a contínua insistência sobre virtudes e comportamentos que distinguem os cristãos dos demais. Entre esses temas está a alegria¹² como atitude própria daqueles que estão em Cristo, seja em meio às tribulações, seja na expectativa serena da parusia, mas sempre direta ou indiretamente como fruto do Espírito.

Na Primeira Carta aos Tessalonicenses essa ocorrência aparece ao menos quatro vezes numa carta que contém cinco capítulos (1Ts 1,6; 2,19; 3,9, 5,16). Na Carta aos Gálatas, entre os mais de nove frutos do Espírito, a alegria ocupa o segundo lugar da lista, como uma das três virtudes da vida interior (Gl 5,22-23)¹³.

Chegando ao final da Carta aos Romanos, ao tratar da unidade entre gentios e judeus, Paulo exclama: “Que o Deus da esperança vos cumule de toda alegria e paz em vossa fé, a fim de que pela ação do Espírito Santo a vossa esperança transborde” (Rm 15,13). E isso significa que na compreensão paulina a alegria é condição para que o Espírito aja nos fiéis.

Paulo fala do Espírito como aquele que sonda as profundezas de Deus

É também na Primeira Carta aos Coríntios que encontramos em Paulo a presença da tradição sobre a Shekiná como aquela que vaga entre o mundo de Deus e dos homens:

O Talmud afirma que onde quer que vá o povo judeu, a *Shechinah* o segue. Em tempos menos remotos, um costume curioso surgiu entre os judeus da Europa Oriental: chamava-se em iídiche de *golus uprechten*. Os homens santos, à guisa de penitência por todo o povo de Israel, “partiam para o Exílio [Golus].” Vagavam de cidade em cidade, como mendigos e enlutados, a fim de poderem partilhar do “Exílio da *Shechinah*” e assim apressar o fim do “Exílio de Israel”¹⁴.

11. Também nas cartas pseudônimas, como é o caso da Carta aos Efésios, mantém-se essa mesma compreensão: “e vós, também, nele sois co-edificados para serdes habitação de Deus, no Espírito” (Ef 2,22).

12. Segundo W.G. Morrice, “Das 326 ocorrências das palavras que indicam alegria no NT, 131 encontram-se nas 10 cartas que costumam ser atribuídas a Paulo, isto é, 40 por cento”. Morrice, W.G. Alegria. In: Hawthorne, Gerald. F.; Martin, Ralph P.; Reid, Daniel G. *Dicionário de Paulo e suas cartas*. São Paulo: Loyola, 2008, p. 45.

13. Morrice, W.G. Alegria, p. 45s.

14. Ausubel, Nathan. *Conhecimento judaico II*, p. 779.

Na compreensão de Paulo, isso não ocorre apenas na exterioridade, mas também no interior. É o Espírito que revela ao interior do homem aquilo que perscrutou no interior do próprio Deus: “A nós, porém, Deus o revelou pelo Espírito. Pois o Espírito sonda todas as coisas, até as profundidades de Deus” (1Cor 2,10).

Paulo fala do Espírito em termos de radiância e glória

Embora, na compreensão de Bultmann¹⁵, Paulo narre de forma simplória o esplendor da glória na Segunda Carta aos Coríntios, uma vez que, segundo o mesmo autor, “a glória sublime da nova aliança não é visível, e sim um poder que se revela em seu efeito” e, ainda, que “a *doxa* presente não é uma matéria luzente; ela outra coisa não é senão a força em virtude da qual o ser humano interior é renovado dia-a-dia”, não é possível negar que as menções de Paulo, mesmo que entendidas metaforicamente são relativas a uma interpretação judaica da presença divina junto a Moisés e os israelitas no deserto (Ex 34,29s) e essa glória e radiância é para a compreensão judaica o reflexo da presença da *Shekiná*.

Uma análise mesmo que superficial do texto de 2Cor 3,7-18 já permite algumas considerações bastante significativas. Paulo, buscando convencer os coríntios da verdade de seu ministério e, ao mesmo tempo, fazendo uma defesa de si próprio, chega a uma comparação entre o ministério da palavra antes e em Cristo:

⁷ Ora, se o ministério da morte, gravado com letras sobre a pedra, foi tão *assinalado pela glória que os israelitas não podiam fixar os olhos no semblante de Moisés*, por causa do fulgor que nele havia – fulgor, aliás, passageiro –,

⁸ como não será ainda *mais glorioso* o ministério do Espírito?

⁹ Na verdade, se o ministério da condenação *foi glorioso, muito mais glorioso* será o ministério da justiça.

¹⁰ Mesmo *a glória* que então se verificou já não pode ser considerada *glória*, em comparação com a *glória atual*, que lhe é muito superior.

¹¹ Pois, se o que é passageiro foi *assinalado pela glória*, com mais razão *o que permanece deve ser glorioso*.

¹² Fortalecidos por tal esperança, temos plena confiança:

¹³ não fazemos como Moisés, que colocava um véu sobre a sua face para que os israelitas não percebessem o fim do que era transitório...

¹⁴ Mas seus espíritos se obscureceram. Sim; até hoje, quando leem o Antigo Testamento, este mesmo véu permanece. Não é retirado, porque é em Cristo que ele desaparece.

¹⁵ Sim; até hoje, todas as vezes que leem Moisés, um véu está sobre o seu coração.

¹⁶ É somente pela conversão ao Senhor que o véu cai.

15. Bultmann, Rudolf. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2004, p. 407.

¹⁷ Pois o Senhor é o Espírito, e, onde se acha o Espírito do Senhor, aí está a liberdade.

¹⁸ E nós todos que, com a face descoberta, *contemplamos como num espelho a glória do Senhor*, somos transfigurados nessa mesma imagem, *cada vez mais resplandecente*, pela ação do Senhor, que é Espírito (2Cor 3,7-18).

De fato, Paulo confronta o seu ministério ao de Moisés e o chama de Ministério do Espírito (v. 7), enquanto que ao de Moisés, ministério da morte (v. 7) ou ministério da condenação (v. 9) em comparação ao ministério da justiça (v. 9). Este seu ministério também está assinalado pela liberdade porque nele se acha o Espírito do Senhor (v. 17), fato que lhe fortalece, lhe enche de esperança e lhe permite fazer diferente de Moisés (v. 12-13), ou seja, contemplar com a face descoberta e ser transfigurado pela ação do Senhor que é Espírito (v. 18), uma vez que é só pela conversão ao Senhor que o véu cai (v. 14-15).

A base de apoio de Paulo é a experiência da glória (v. 7.9.10) que em Moisés, embora ofuscasse os israelitas (v. 7), era passageira como passageiro era o ministério de Moisés. Ao passo que o Ministério do Espírito (v. 7) é ainda mais glorioso e superior ao de Moisés (v. 7.9.10).

Considerando a insistência de Paulo na ação do Espírito para a superação da experiência da glória em Moisés e a possibilidade de uma nova experiência em Jesus, é possível deduzir que ao tratar daquilo que Paulo classifica como glória transitória (v. 7.13), essa esteja relacionada à sua compreensão de que em seu ministério o mesmo Espírito que permitia uma experiência da glória passageira em Moisés, agora habita permanentemente naqueles que pertencem a Cristo. Logo, em Cristo a *Shekiná* estabeleceu morada permanente em meio aos eleitos (Rm 8,9).

Paulo e a pneumatologia cristã

Não há dúvida de que há uma teologia do espírito em Paulo. Autores como Bultmann e Albert Schweitzer procuraram interpretar e explicar não apenas a origem da pneumatologia paulina, mas também a origem da própria pneumatologia cristã em Paulo. Esses autores, juntamente com outros, chegaram a algumas conclusões que podem ajudar a deduzir e entender em que medida Paulo vislumbrava a *Shekiná* ao mencionar o Espírito Santo.

Segundo os estudos da teologia paulina, o conceito paulino de Espírito vem de três fontes principais: do Antigo Testamento, do judaísmo intertestamentário e do pensamento cristão primitivo¹⁶. Contudo, há que se considerar que o conceito não é unívoco, uma vez que não existe apenas o Espírito divino, mas também o humano:

Quando, pois, Paulo fala do *pneuma* do ser humano, ele não está falando de um princípio superior, de um órgão intelectual ou espiritual especial, mas simples-

16. Paige, T. Espírito Santo. In: Hawthorne, Gerald F.; Martin, Ralph P.; Reid, Daniel G. *Dicionário de Paulo e suas cartas*, p. 484.

mente do eu, e é preciso apenas perguntar novamente se o eu, quando é chamado de *pneuma*, é visto sob um ponto de vista especial. Em primeira linha, ao que parece, do mesmo modo como quando diz *psique*, ou seja, como o eu vivo na mentalidade, no direcionamento do querer¹⁷.

Deste modo, Bultmann distingue o *pneuma* da *psique* e neste ponto explica a forma pela qual o Espírito divino se comunica com o espírito humano: “Diferentemente de *psique*, parece que *pneuma* também pode designar o eu como consciente ou ciente; assim em Rm 8,16: o Espírito divino “testifica” ao nosso espírito que somos filhos de Deus, isto é, ele no-lo torna consciente, concede-nos saber a respeito”¹⁸.

Como explica Van Den Born, no judaísmo, o Espírito costuma ser chamado Espírito Santo, “sendo considerado, sobretudo, como a força divina que confere aos profetas o conhecimento do futuro e de coisas ocultas (...) e inspira os autores dos livros sagrados...”¹⁹. Assim também, fenômenos psíquicos extraordinários como o êxtase e as visões proféticas também lhe são atribuídos. Nos textos de Qumran “o espírito de verdade” é uma virtude dada por Deus ao piedoso. No judaísmo tem-se em geral a convicção de que as manifestações do Espírito Santo pertencem aos tempos passados, e lamentavelmente ele se retirou de Israel depois das atividades dos profetas Ageu, Zacarias e Malaquias, “embora ainda haja rabinos que seriam dignos de o receberem (Sota 48b) e cujo ensinamento às vezes é confirmado pela *Shekiná* ou por uma *bat-qol* (retumbante voz celestial)”²⁰.

Contudo, o Espírito no Antigo Testamento não é apresentado como uma pessoa,

Ele é a força pela qual Deus intervém na vida do homem, e que pertence tão indistinguívelmente a Javé como a sua mão ou a sua boca. Quando é apresentado como algo separável de Javé, podendo operar fora de Javé, então isto deve ser explicado pela mentalidade primitiva dos israelitas, que não conseguiam formar a noção de uma força ou uma ação abstrata, sem substrato material²¹.

Na compreensão de Albert Schweitzer, há em Paulo uma afirmação sobre o Espírito que não estava prevista na teologia tradicional, ou seja, para Paulo a possessão do Espírito é um modo de manifestação do ser ressuscitado com Cristo²².

Assim Paulo extrai, do fato de que o Espírito que foi concedido aos crentes é o Espírito de Cristo, a plena inferência que o derramamento do Espírito, com relação ao tempo, segue a ressurreição de Cristo. O que as crenças comuns consideravam como um milagre dos tempos pré-messiânicos torna-se para ele um evento do período messiânico. Sua convicção, de que com a ressurreição de Jesus o período mundial sobrenatural começara, é sentida em todas as direções de

17. Bultmann, Rudolf. *Teologia do Novo Testamento*, 263.

18. Idem, 264.

19. Van Den Born, A. (org.). Espírito. *Dicionário enciclopédico da Bíblia*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2004, c. 484.

20. Van Den Born, A. (org.). Espírito. *Dicionário enciclopédico da Bíblia*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2004, c. 485.

21. Idem, c. 484.

22. Schweitzer, Albert. *O misticismo de Paulo, o apóstolo*. São Paulo: Novo Século, 2003, p. 203-221.

seu pensamento, e também determina sua concepção sobre o Espírito. Deste modo Paulo inevitavelmente chega a ver na manifestação do Espírito uma eflorescência de glória messiânica dentro do mundo natural²³.

É a partir dessa compreensão que o mesmo autor nos permite concluir que Paulo, de certa forma, abandona a doutrina vétero-testamentária ou judaica sobre a vinda do Espírito presente na escatologia profética²⁴. O que conta para Paulo é que o Espírito é o Espírito de Cristo e o Espírito de ressurreição²⁵. Este fator faz com que o crente esteja no Espírito e, ao mesmo tempo, o Espírito aja através dele. Contudo, a garantia dessa habitação do Espírito no crente se dá através de um teste da sua conduta.

Conclusão

Portanto, se podemos falar da *Shekiná* em Paulo, não há dúvida de que a mesma sofreu uma mudança de compreensão, sobretudo no seu sentido mais original. Na verdade, houve um deslocamento, a *Shekiná* que habitava o templo e a tenda agora habita o cristão porque o mesmo tornou-se habitação divina, uma vez que a *Shekiná* não paira mais fora, mas dentro do cristão. Por outro lado, ela agora habita permanentemente no seu templo ou sua tenda e daí decorrem suas expressões na vida do cristão como alegria, radiância e glória.

Elenira Cunha
Rua Marechal Deodoro 1623 – Apto. 18, Bl. 1
85802-210 Cascavel, PR
teo.coordenacao@famipar.edu.br

Referências bibliográficas

AUSUBEL, Nathan. “Shechinah”. *Conhecimento judaico* II, p. 779-780.

BULTMANN, Rudolf. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2004, p. 259-268; 403-413.

HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. *Dicionário de Paulo e suas cartas* [Tradução de Bárbara Theoto Lambert]. São Paulo: Loyola, 2008.

OVERMANN, J. Andrew. *O evangelho de Mateus e o judaísmo formativo: o mundo social da comunidade de Mateus*. São Paulo: Loyola, 1997, p. 53s. (Bíblica Loyola, 21).

SCHWEITZER, Albert. *O misticismo de Paulo, o apóstolo*. São Paulo: Novo Século, 2003, p. 203-221.

UNTERMAN, Alan. “Shechiná”. *Dicionário judaico de lendas e tradições*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 241.

VAN DEN BORN, A. (org.). Espírito. *Dicionário enciclopédico da Bíblia*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2004, c. 478-488.

23. Idem, p. 209.

24. Idem, p. 203-205.

25. Idem, p. 208s.